

Marcas de autor

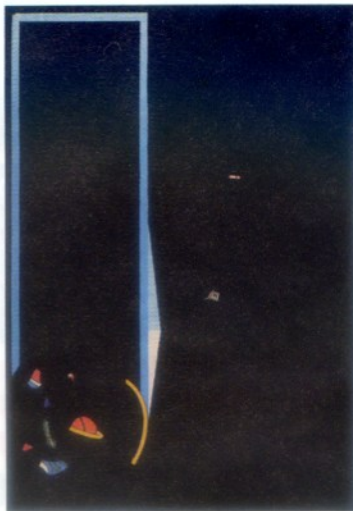
A exposição *Tinta nos Nervos - Banda Desenhada Portuguesa* que está no Museu Berardo, em Lisboa, já é um marco no género. Visita guiada

POR SÍLVIA SOUTO CUNHA

Revelem-se os números: *Tinta nos Nervos - Banda Desenhada Portuguesa* apresenta cerca de 600 trabalhos, assinados por 41 artistas portugueses de várias gerações, no Museu Coleção Berardo até 27 de março. Como sublinha o comissário Pedro Vieira de Moura (professor, responsável pelo blog Lerbd), é inédito «uma exposição assim ser feita num ambiente institucional, o que muda o foco sobre esta arte. Queremos atingir os públicos que vêm ao Museu Berardo; correndo o risco de ser classista, o público que se interessa ativamente pelas artes plásticas e o público de domingo.» Um público, acrescentamos nós, que contorne a perceção da banda desenhada como mera arte infanto-juvenil ou de massas e que olhe para os criadores de arte de BD como «autores.» E sem complexos. «A BD portuguesa é feita de autores muito bons. Se os artistas nacionais que publicaram nos anos 70 tivessem sido editados em França, por exemplo, seriam reconhecidíssimos. Só neste país de fancaria é que acontece este esquecimento. Como a BD vive 'abaixo do radar crítico', uma expressão do Art Spiegelman, nunca consegue destaque», aponta Pedro Moura. Muitos dos 39 autores contemporâneos aqui presentes rompem fronteiras entre artes: «Estamos a viver na BD um tempo similar ao dos modernistas - à exceção da fortuna e prestígio que estes conseguiam. Estes autores fazem tudo: cinema, pintura, ilustração, banda desenhada...»

Galeria Universos particulares

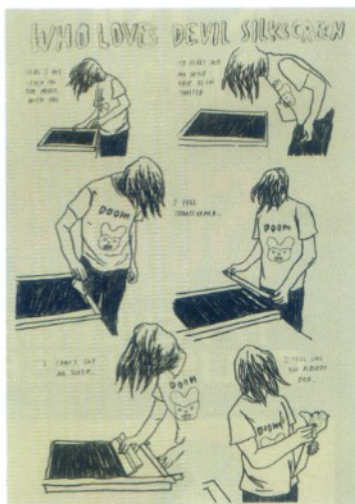
O comissário Pedro Vieira de Moura aponta e comenta dez autores escolhidos «sem favoritos nem hierarquias» entre os 41 presentes na exposição. Para mudar ideias feitas sobre a nossa BD



Cátia Serrão

(LISBOA, 1975)

Artista plástica, em várias disciplinas. O filme *AFALADOPATO* está incluído na exposição, assim como a BD *Sujamas o que Limpamos*, onde pinta folhas de revistas brasileiras de BD do Tio Patinhas, com acrílico preto, deixando visíveis alguns objetos originais. «Logo, emergem novas formas», explica PVM. «O que mais me fascina no seu trabalho é que poderia ser comparado com experiências internacionais viradas para uma BD abstrata.»



Joana Figueiredo/Júcifer

(LISBOA, 1982)

«Os seus últimos trabalhos têm sido fantásticos», descreve PVM, «com um novo estilo: contorno a negro, personagens sólidas». As histórias absurdas (terroristas a irem às compras, miúdos a fazerem coisas indizíveis) têm «uma tensão e uma violência nunca expressa, como nos filmes do Hanneke». «Não está preocupada em contar histórias, mas sim em fazer seqüências de imagens de uma forma aberta, mas, ainda assim, dentro dos códigos da BD.»



Isabel Barahona

(CASCAIS, 1974)

Artista plástica, trabalha sobretudo na área do desenho. «Ela constrói, na organização que faz desses desenhos, na recorrência de personagens, o que eu chamo uma ideia fantasmática de narrativa», diz o comissário. «Não é uma narrativa típica, com causalidade e continuidade, mas pode ser lida como se fosse narrativa. Lembra-me obras tão antigas como a do japonês Hokusai e as suas coleções de imagens que conseguiam fazer emergir uma ideia.»



Isabel Lobinho

(VILA NOVA DA BARQUINHA, 1947)

«Uma referência. Não é a primeira mulher da BD portuguesa moderna, mas creio que é a primeira a fazer valer o seu feminismo», diz PVM. «O estilo do seu desenho estava próximo do psicadelismo: contornos negros mas cheios de volutas tipo *art nouveau*, cores vivas.» O comissário sublinha que Isabel Lobinho «explorou sempre a sexualidade ativa da parte das mulheres e é uma das poucas autoras, mesmo hoje, a explorar o ponto de vista feminino.»